

A construção de identidades e de subjetividades no ciberespaço

Alckmar Luiz dos Santos*

RESUMO

Este trabalho pretende discutir a construção de identidades móveis e de subjetividades provisórias a partir do texto eletrônico, levando em consideração duas variáveis fundamentais: a interatividade concreta e a capacidade interativa (manipulação de significantes em grandes quantidades e a grandes velocidades) das redes telemáticas. Pretende-se enfeixar a discussão dentro do conceito merleau-pontiano de sedimentação.

Palavras-chave: ciberespaço; hipertexto; subjetividade.

SUMMARY

This paper is intended to discuss the construction of mobile identities and temporary subjectivity out of computerized text, taking into consideration two fundamental variables: the concrete interactivity and the interacting capacity (manipulation of significant items in great quantities and velocities) of the computer-telecommunication associated networks. The discussion will be focused on the Merleau-Ponty concept of sedimentation.

Keywords: cyberspace, hypertext, subjectivity.

RESUMEN

Este ensayo busca discutir la construcción de identidades móviles y subjetividades provisionales partiéndose del texto electrónico y planteando dos variables fundamentales: la interactividad concreta y la capacidad interactiva (manipulación de significantes en grandes cantidades y a grandes velocidades) de las redes telemáticas. Se busca amanojar la discusión en el concepto merleau-pontiano de sedimentación.

Palabras-clave: ciberespacio, hipertexto, subjetividad.

Neste espaço de texto que aqui se desenha e se emenda, entenda-se ciberespaço como hipertexto, ou como texto eletrônico, que as diferenças entre eles não são, por vezes, mais do que filigranas finórias, e não muita profundidade acrescentariam à discussão. E, no caso de texto, temos muito que dizer a partir de uma experiência nossa que, alçando o literário à cena principal, pode nos dar o direito de resvalar para espaços outros de significação. Com isso, é a própria cena telemática do (hiper)texto que pode se dar a (re)conhecer, partindo de um espaço que se quer literário, mas que permite ver rastros, vestígios e contornos das subjetividades nele envolvidas. E mais: há uma suspeita de que, do telemático, pode-se passar ao dramático, percebendo no ciberespaço uma instância que é produção textual, é enunciação significativa e, ao mesmo tempo, é encenação de seres e de linguagens. Mas isso é linha a ser tricotada mais para o fim, e não vamos meter carros à frente de bois. Por ora, concentremo-nos na maneira como se pode ler (n)esse espaço habitado por sujeitos e processos telemáticos, aparentemente compartilhado por pessoas e dispositivos informáticos.

Uma das experiências mais importantes que podemos ter dos textos eletrônicos ocorre justamente quando desligamos o computador e se apaga a tela. Neste fundo opaco onde instantes atrás havia brilhos e pixels, aparece uma imagem esvanecente, nossa figura, um pálido reflexo que somente se mostra a partir do monitor desligado. E, desligada a máquina, o que se vê ao fundo, precariamente refletida, é então esta nossa própria imagem diante da tela, trazendo à tona e explicitando, talvez, o incômodo de uma posição em que nos surpreendemos inquirindo subjetividades e perturbando identidades. É como se se reproduzisse a difícil posição do indivíduo que, na “Procura da Poesia”, de Drummond, se vê colocado diante da palavra, que “te pergunta, sem interesse pela resposta, / pobre ou terrível que lhe deres: / Trouxeste a chave?”

E o que essa imagem pediria, instigaria, exigiria, possibilitaria? De um lado, a busca de si, esse percurso que aponta para o conhecer, mais ou menos exato, de quem ou de que seria tal reflexo precário, essa individualidade que se vislumbra na tela do computador desligado. De fato, apresenta-se diante de nós a possibilidade de reconstruir, ainda que parcialmente, nossa própria imagem, de recortá-la contra um fundo

indistinto e indiferente de vidro neutro e de recuperar a capacidade de uma reflexão primeira ou primordial, quer dizer, recuperar um nosso olhar voltado para nós mesmos e para nosso próprio olhar (ou para os traços e vestígios que, de nós, sobraram, uma vez suspensa a viagem pelo ciberespaço, terminada a navegação dos hipertextos, esgotado o reconhecimento dos programas e dos aplicativos). Temos aí o mesmo tipo de reflexão das mãos que se tocam tocando, do pensamento que se pensa pensando; em suma, uma reversibilidade que não é necessariamente dialética e possibilita uma significação que vai além dos discursos, das falas e dos textos já envelhecidos e, portanto, reconhecíveis e manipuláveis. O que se presencia aí é a primordialidade que está por trás de todo gesto significante, de toda expressão e, em síntese, de toda linguagem. Mas é importante ressaltar que se trata de um trabalho de Sísifo (que, já se disse, é também trabalho decisivo, ou incontornável), esse de perscrutar traços e vestígios à cata de fragmentos de nós que formem uma cadeia de precária coerência (mas, mesmo assim, de coerência). É inevitável trabalho e, ao mesmo tempo, interminável, pois que, sendo religado o computador, a interface gráfica do *Windows* ou do *Macintosh* vem novamente justapor uma máscara de cores e de movimentos, escondendo nossos gestos e intenções sob os deslocamentos céleres ou morosos do cursor sobre ícones, imagens e palavras, e sob as transformações e as rotações das imagens. Daí a percepção de que nos perdemos no ciberespaço, de que nossos vestígios e fragmentos se isolam, se desgarram e não nos entregam nada além de uma identidade difusa e para sempre desfigurada (no entanto, se insistíssemos na lembrança de nossa fisionomia perscrutando o fundo vítreo da tela desligada, poderíamos talvez justapor outro percurso aos rumos das imagens, das ligações e dos sítios desfilando diante de nós; poderíamos impor outro ritmo à celeridade de processamento de máquinas e redes). Porém, essa não é a única possibilidade: nossa tênue imagem ao fundo do monitor desligado pode resultar em outro percurso, em que não se vai além da reafirmação do mesmo, ou seja, de nós próprios. Como resultado, não temos nada além do que o retorno a uma imagem nossa, tão plana e tão insignificante como a tela do computador apagado. Em outras palavras, teríamos, aí, a concretização de um solipsismo que está sempre rondando nossas navegações, do mesmo modo como espreita nossas reflexões e nossos projetos. E, nesse caso, que conhecimento teríamos de nós? O que veríamos de nós, senão a confirmação de nossa própria fisionomia inapelavelmente sobreposta às coisas e aos outros? De fato, em tudo e em todos, veríamos a mesma marca, os mesmos traços, a mesma feição. E que conhecimento poderia vir dessa operação

intelectual que, com efeito, seria apenas um arremedo de auto-reconhecimento? E como fundar aí nossa identidade, pois que entre nós e o mundo exterior não haveria justamente essa distinção originária e fundadora que nos dá um mundo vivido e uma vida para habitá-lo? Parece que se retoma aí aquela experiência de repetir uma palavra à exaustão, até que ela se torne, pouco a pouco, estranha, impenetrável e até mesmo hostil; por ser tantas vezes enunciada, ela deixa, aos poucos, de ser familiar e conhecida, ela deixa de significar. Ao se tornar como que a única palavra a sobrar em um léxico esvaziado, ela perde toda significação, justamente por ter-se afastado das outras palavras, por não ter mais como construir sua significação na diferença recíproca que guarda com elas. Quando nos vemos reduzidos à nossa própria e única contingência, nada podemos tirar daí senão a pobreza da análise, aquilo que, segundo Kant, não nos dá nada além do que já havíamos nós próprios aí colocado. Daí a sensação de que nossa imagem imposta à tela do computador pode resultar em uma espécie de ausência nossa diante de nós mesmos, uma ausência sentida paradoxalmente como presença, como uma volta melancólica a nós através de rastros, traços, vestígios e sinais que parecem ser evidentemente nossos, mas que trazem a marca do estranhamento e da distância, do aparente apagamento de nossas singularidades pelo desligar da máquina. E, se fôssemos apenas nós próprios e nossa condição, nesse caso, nossa condição seria um papel frouxo e molhado onde tentaríamos manter indelévels os elementos e os vestígios de nossa presença, mas submetidos a uma perda de profundidade e de perspectiva que os devolveria não mais como presença constante de nós no mundo, como dito logo acima neste parágrafo, mas como presença gasta e, assim, esvaziada de sentido e de qualquer identidade possível.

No outro lado desse espectro, está o computador ligado permanentemente à rede, está a saciedade excessiva, o fastio cibernético de que, por vezes, não nos damos conta, senão depois de muito ter navegado pelos mais diferentes sítios e endereços, entregues à volúpia de buscar um ícone, uma informação, um dado, que sempre estarão, segundo se faz crer, no próximo percurso, que, pretensamente, permanecerão disponíveis no endereço que ainda aparecerá na tela. Mas eles não chegam nunca até nós, ou talvez até cheguem, mas encontram-nos tão entorpecidos, que já nem mesmo sabemos reconhecê-los, nem conseguimos reagir a eles. No caso, as imagens, os gestos verbais, os ícones, os deslocamentos, os sons acabam se empanturrando de possibilidades de significações, significações que se tornam, então, inúteis e impenetráveis. Trata-se de uma espécie de presença ausente, de uma perda de sentido dos objetos dentro de seus próprios detalhes e vestígios. Mas, até mesmo aí, não

escapamos à fatal atração dessa contemplação melancólica de nós próprios, pois as imagens, os gestos verbais, os ícones, os deslocamentos, os sons, ao se fartarem e se esvaziarem de sentidos, acabam por se tornarem inúteis, impenetráveis e vazios. E, nesse movimento, deslocam a contemplação para um outro vazio, isto é, para a ausência de nós próprios, dotando-nos da mesma inutilidade e da mesma impenetrabilidade que se exibem sobre a tela, à imagem dos belíssimos versos com que Sá-Carneiro fala de sua *Dispersão*: “Perdi-me dentro de mim, / Porque eu era labirinto / E, hoje, quando me sinto, / É com saudade de mim”.

Estando ligado o computador, corremos sempre o risco de nos entregarmos ao desenfreado e ao desmesurado das conexões multidirecionais, dos saltos abruptos e incessantes, das vizinhanças forjadas à força, experimentando uma saciedade excessiva que guarda inesperada similaridade com aquela outra, descrita mais acima, em que nos escondemos atrás de um solipsismo fechado e redutor. Nos dois casos, há como que um estrangulamento das significações, já que tanto a privação quanto o excesso terminam por nos fazer cair num vazio ou numa inutilidade dos significantes. E ambos nos enredam em uma *melancolia da significação*, que é nossa e, também, dos significantes; melancolia que somente talvez possa ser superada por uma busca, por uma reafirmação, por uma retomada, por uma recostura –

extremamente trabalhosas, mas inevitáveis – da própria identidade. De fato, as duas experiências – seja a da navegação descomedida e sem amarras, seja a do fechamento em sua própria imagem – evocam essa relação do Narciso colocado diante de uma imagem de si que já não guarda mais unidade, que já não lhe garante nem mesmo o eco de sua própria voz ou o reflexo do que ele conseguiria identificar como sendo seus próprios traços ou vestígios espalhados pelo mundo que ele ainda pode ver diante de si.

No entanto, melancolia pode remeter a referências demasiadas, pode permitir ou exigir comentários infintos, com o que praticamente cairíamos na situação acima descrita, indo da melancolia como assunto à melancolia como situação. É assim que, para escapar a essa ditadura do melancólico (que, no caso, resultaria de uma angústia do excesso de interpretação), vou-me permitir uma abordagem mais leve (sem que ela seja, por isso, leviana ou superficial), tentando articular uma leitura do ciberespaço que seja também o esboço de uma saída dessa situação de melancolia. No caso, uma das referências minhas preferidas está na gravura de Dürer, justamente intitulada *Melancolia I*, que acabei tomando como possível fio condutor de uma compreensão desses mecanismos de significação, de subjetivações e de construção de identidades no ciberespaço. Vamos a ela!



E como se deu essa transposição da gravura de Dürer para o ambiente telemático? Utilizei-a como ponto de partida, como inspiração, como catalisador de uma compreensão dessa melancolia do ciberespaço, talvez agindo à maneira dos leitores do I-Ching, que se servem do casual para, pretensamente, chegarem ao essencial. Aos poucos, traços de semelhança e possibilidades foram surgindo e permitindo que eu me desvencilhasse da gravura e entrasse mais e mais profundamente nas entranhas dos textos eletrônicos e do ciberespaço. O que vou tentar fazer aqui, por conseguinte, é apenas um resumo desse percurso que partiu de uma visão alegórica da gravura, passando, em seguida, por um percurso exegético de seus elementos, para chegar, finalmente, a uma compreensão direta e mais acurada de meu objeto de reflexão. Alguns poderiam, com todo o direito, argumentar que a escolha de tal perspectiva de investigação – no caso, essa dada gravura – é tão (i)legítima e (não) convincente quanto qualquer outra. O que apresento, então, como argumento é apenas um pedido para que julguem essa escolha a partir dos resultados da discussão, não condenando, *a priori*, os postulados de onde parti. O que interessa não é o que a média das pessoas poderia associar à obra de Dürer, mas o que eu próprio quero ou pretendo ver, como apoio a minha leitura do ciberespaço. De fato, é a coerência e a capacidade de convencimento desta última que servirão para indicar o acerto (ou o fracasso) de minha estratégia.

Tomando, então, a gravura, podemos perceber nela uma multiplicidade de elementos que se acumulam numa ordem que, inicialmente, dá a impressão de fugir a toda tentativa de sistematização: figuras geométricas, objetos de uso diário, imagens carregadas de possíveis alegorizações, referências muito provavelmente bíblicas, etc. Todavia, essa multiplicidade parece escapar ao anjo – pretendo elemento central a partir do qual seriam endereçados os olhares para os outros elementos. Ao menos, a gravura se organiza de modo a dar a impressão de que vários objetos e seres estão dispostos a sua volta, sem que ele consiga apreender o sentido (ou os sentidos) dessa pluralidade de coisas. Esta – a pluralidade – torna-se, para ele, legião (no sentido da legião de demônios que, no Novo Testamento, Jesus expulsava de um energúmeno), e não multiplicidade ou variedade do mundo vivido. E, diante disso, não seria absurdo ou despropositado falar de um anjo caído, de uma criatura divina, mas perdida na materialidade múltipla das coisas. Ele não consegue apreender essa legião de existentes e de diversidades, já que se encontra totalmente preso à busca de um princípio único causador (o vértice do compasso, o centro da eventual circunferência a ser desenhada por ele, um centro tão excêntrico quanto o ponto de luz que, ao fundo, não consegue ser foco nem origem do círculo que se recorta contra o horizonte). Todavia, esse princípio mostra-se totalmente

desvinculado da pluralidade efetiva e direta das coisas e dos seres. Nesse sentido, a angústia da situação do anjo nasce do mesmo motivo primeiro que levou ao desenvolvimento do pensamento grego: a oposição entre o uno e o múltiplo. Porém, o que, para os gregos, foi impulso e incentivo para o conhecimento, para o anjo, mostra ser, ao contrário, peso e desalento: a multiplicidade de elementos não parece entrar no desenho que ele tenta esboçar, pois o olhar perdido no longe afasta, do traço e do compasso, a diversidade, sem chegar a encarar de frente essa luz que, ao fundo, aponta para as coisas, ilumina-as e dá-lhes possibilidades de sentidos e de coerências. De fato, ele parece estar concentrado unicamente na busca de uma totalidade inútil e distante, de uma totalidade que, com efeito, obscurece e escamoteia o conjunto e a variedade dos objetos e dos seres. Entre essa luz que vem do fundo (e que, nessa nossa leitura, não pode deixar de remeter a luzes e a cintilâncias de telas e de monitores) e o olhar do anjo, situa-se toda uma coorte de coisas, uma materialidade plural que acaba, de fato, por se esconder a ele e por esconder dele a própria totalidade (não revelada, mas que poderia ser encontrada, reconhecida, aprendida nas coisas e em suas disposições, estivesse o anjo em outra posição). Em consequência, é a visão de si próprio que fica escondida, ou perdida em meio à barafunda de uma variedade tão sem sentido – para ele – quanto esse olhar melancólico e falto de perspectivas. E que variedade de elementos seria essa, segundo a perspectiva do anjo? Uma escada que dá em nada ou lugar nenhum, inútil escada em que a base terrena parece ter perdido o pé e desaparecido, escondida entre restos e ruínas, e em que o topo não leva a nada, nem a transcendência, nem a entendimento, nem a paraíso algum, inútil escada de Jacó sem o menor traço da luta deste com um anjo (outro, claro!), esboçando, na verdade e na aparência (ou na verdade da aparência), uma inútil luta consigo. Temos, ainda, figuras geométricas misturadas a figuras naturais (como o animal situado entre um poliedro e uma esfera), acompanhadas ainda de produtos artesanais (tecidos, balanças, sinos, etc.), numa provável proposta de conciliação entre as três esferas (abstração, criação e construção), ou num possível acordo entre espírito de geometria e espírito de finesse. Todavia, trata-se de conciliação e de acordo que não são percebidos ou compreendidos pelo anjo, perdido em meio ao que ele poderia considerar apenas despojos de si próprio. À direita dele, encontra-se uma criança, ou melhor, um pequeno anjo de aparência infantil e despido de auréola (a não ser pela circularidade de um dos pratos da balança que, acima de sua cabeça, proporciona um arremedo de auréola; já o anjo, ele próprio, está ao menos coroado de louros). Logo abaixo dela, dessa criança-anjo, está um animal, repousando indiferente ao olhar e à atenção que ela lhe parecer dirigir. E o conjunto de ambos, quando os destacamos em meio aos demais elementos, poderia indicar uma progressão do animal

ao anímico, mas, novamente, um conjunto e uma progressão que não se dão senão a nós que estamos postados fora das perspectivas do anjo, que a ele nada disso se dá, nada disso se deixa ver. Temos aí, talvez alegorizados, a origem temporal e o encaminhamento para o telúrico desse anjo, mas que, para ele, não passam de fragmentos de uma identidade que parecem escapar a sua leitura, a seu entendimento. Ao chão, encontra-se ainda o que pode ser visto como restos de uma construção iniciada mas não terminada, como se fossem ruínas de si próprio, exposto que está a uma multiplicidade que ele não entende, não percebe, não controla e não organiza.

E o que seriam, então, esse anjo e esse espaço, essa disposição de coisas e essa balbúrdia de sentidos e de significados possíveis? Muita coisa, possivelmente, mas todas elas, se propostas ou construídas a partir da perspectiva intradesenho do anjo, remeteriam inapelavelmente a um centro de significações falho ou vazio. Tendo a percepção embotada pela multiplicidade incompreensível (para ele!) das coisas do mundo, o anjo afunda-se numa queda que é busca inútil de uma ordem única para o mundo e, *a fortiori*, de uma identidade absoluta para si próprio. Não há, entre os objetos, um espelho que lhe devolva, como imagem coerente dele próprio, essa busca por sentidos e ordens. Como resultado, ele não percebe nem a unidade de si, nem a real extensão da multiplicidade das coisas, pois sua percepção se encontra embotada por uma variedade de que ele não consegue dar conta. Se ele fosse apenas anjo, ainda guardaria a unicidade do cosmos; se se tornasse tão-somente humano e material, seria capaz ao menos de perceber ou sentir ou, mesmo, de viver a multiplicidade da existência; sendo anjo e (de)caído, perdeu a primeira condição, sem ganhar a segunda. Assim, é sua própria identidade que fica perdida em meio à pluralidade de coisas, de significantes, de possibilidades de sentidos. Algo parecido ao que pode ocorrer também com os leitores desse texto-gravura: afinal, seu tom fortemente alegórico leva a uma acumulação de possibilidades exegéticas, em tudo semelhante ao acúmulo de objetos cercando o anjo, o que pode causar um certo cansaço de ler o texto, de escrutinar e recensear significações possíveis e coerentes. Em decorrência, é a fadiga de ler a si próprio que se instala, numa busca incessante mas infrutífera pela própria identidade, partida e repartida, esta, pela pluralidade de coisas, de leituras, de possibilidades de significações e de desvãos interpretativos em que se pode perder tanto o uno de si quanto o plural do mundo, ou vice-versa, a unidade das coisas e a variabilidade de si.

Ora, essa busca pela própria identidade, em meios a fragmentos e ruínas e multiplicidades não precisa ser necessariamente melancólica. Assim como a exploração do ciberespaço não tem necessariamente que cair nas duas formas de melancolia acima descritas, a da multiplicação indiscriminada e incontrolada de informações ou a do

solipsismo e do fechamento individualista em si mesmo. De fato, há vários processos de construção de identidades e de subjetividades no ciberespaço, e nem todos devem levar necessariamente a essa lacuna de si e a essa ausência de sentidos (seja pelo acúmulo indefinido e indiscriminado de significantes, seja pela imposição de uma fisionomia única e redutora a todo e qualquer elemento signifiante). Mas mesmo essas duas devem fazer parte de uma tipologia mais geral e mais abrangente que tente dar conta das diferentes maneiras de o sujeito colocar-se diante de si e dessa teia de elementos significantes que estamos chamando de ciberespaço. Em resumo, podem-se propor três tipos básicos de processos de subjetivação: 1) uma identidade absoluta e além do sujeito; 2) uma identidade relativizada e aquém do sujeito; 3) uma identidade provisória e não-programática. E é claro que estaremos, de ora em diante, fazendo pender discussões e pontos de vista para esta última, pois ela parece ser, diante das duas outras, a única possibilidade de escapar à melancolia que vem da proliferação descontrolada do múltiplo ou que resulta da repetição de si mesmo.

Tomemos, então, primeiramente, essa identidade absoluta e além do sujeito. Ela parece se manifestar, por exemplo, através das próteses tecnológicas e/ou cibernéticas com que se dotam os corpos (e, em decorrência, as próprias atividades humanas aí implicadas). Vale dizer que, quando nos referimos a *humano*, estamos pensando naquilo que se encontra ainda aquém dos gestos e das intenções significantes e que lhes serve de ponto de partida: por trás da atitude de indicar um objeto ou uma direção está o dedo que aponta, está a mão que o contém, está o braço que o sustenta, o ombro que o ampara, o tronco de onde ele nasce; em suma, está o corpo todo flexionado e fletido para dar a si e entregar ao mundo uma certa significação. Quando damos ao nosso corpo aparatos com que ele não nasceu, quando outorgamos a nossos gestos uma origem externa ao espaço e ao alcance de nossos corpos, estamos naquela situação, criticada por Virílio, de nos dotarmos de uma virtualidade realizada às expensas de nosso própria circunstância corpórea. Estamos, também, na posição descrita (e exaltada) por Pierre Lévy, quando se refere ao duo pensante homem-máquina. No caso do ciberespaço, trata-se da impressão de que nossa identidade não passa mais pelo reencontro de nós em nossos próprios gestos e no reconhecimento de nossa fisionomia no que fazemos e nas significações que propomos às coisas e aos fatos, na maneira como visamos a um mundo de significações que se instala à nossa volta. Nossa identidade estaria, dessa forma, não na extensão de nossos gestos e de nossos corpos em direção a algum elemento signifiante que eventualmente construiríamos ou perceberíamos ou para o qual apontaríamos, mas apenas e tão-somente no além de uma

extensão maquínica, de um processo cujo sentido e alcance nunca tivessem feito parte de nossas intenções e percepções diretas, de um processo, em suma, que viria até nós sem ser por nós produzido ou percebido. Trata-se de uma identidade que poderíamos classificar como místico-tecnológica, pois consiste no esvaziamento de nossa própria singularidade, em proveito da exterioridade de uma tela, de uma dada URL, de ligações a URLs outras, de interações impostas por uma lógica de leitura e de navegação estranhas a nossas expectativas e experiências; em resumo, de elementos significantes que parecem surgir de uma exterioridade absoluta e além do sujeito. E por que místico? Porque ela exige uma negação de sua própria singularidade, com a conseqüente aceitação de uma exterioridade absoluta e inelutável. Assim, o sentido do humano não estaria mais na maneira como nos dotamos de um mundo que existe antes de nós (ou seja, no modo como habitamos essa reversibilidade entre corpo e mundo), mas em como deixamos ferramentas e processos nos conduzirem e nos instalamos como seres deles dependentes. É como se o preexistente, o já dado fosse não o mundo ele próprio, mas certas regiões dos objetos culturais; no caso, uma parte do espaço tecnológico. Ora, a falha dessa percepção encontra-se exatamente aí, em tomar o tecnológico como exterioridade absoluta a que somos, paradoxalmente, convidados a entrar e a estar e a ser, dentro dela. Não seria absurdo afirmar que se trata de uma retomada falha e esvaziada do mítico e do religioso: o *re-ligare* das religiões tradicionais funda-se numa experiência em que se busca justamente uma dualidade (o sagrado e o profano) em que estes dois campos extremos (o aquém, pelo ser humano, e o além, através do divino) se encontrariam e se dariam a ver. No caso desse misticismo tecnificante, temos uma apenas aparente dualidade, uma dualidade que não resiste às primeiras investidas dos processos automatizantes, já que eles acabam sempre reduzindo essa duplicidade à simplicidade e à exterioridade de um mesmo campo (submetendo, no caso, o profano, o humano, a lógicas e movimentos e ritmos exclusivamente externos). Como conseqüência, a identidade de si (ou um arremedo dela) passaria forçosamente por uma identificação aos instrumentos e aos processos de que se dispõe, abrindo mão de qualquer autonomia ou espontaneidade próprias ao humano. Em suma, teríamos nada além da identificação de si próprio a uma eficácia externa, o que seria, no máximo, simulacro ou ilusão de eficácia (assim como de identidade), pois a *performance* do instrumento tecnológico não tem como ser totalmente assimilada às expressões ou aos gestos humanos. A conseqüência direta dessa busca de identidade, através do além do tecnológico, não traz como resultado senão exterioridade e platitude (ou, dito de outro modo, nada além de uma tecnomelancolia). Bem diferente, em todo caso, de experiências místicas como as dos quietistas espanhóis do século XVII ou de São João da Cruz, que, de

uma aniquilação de si próprios, insinuavam chegar a uma interiorização radical do sagrado.

O segundo tipo de identidade que se pode propor a partir do ciberespaço é aquela que, acima, caracterizamos como relativizada e aquém do sujeito. Ela está ligada diretamente à hiperinflação informativa, processo em que, devido a um transbordamento de significantes, toda informação, todo dado, todo significado inevitavelmente se transforma em ruído. Isso ocorre quando as informações desfilam e se desfiam na tela do computador, demasiadamente rápido diante de nós, sem deixar qualquer possibilidade de esboçarmos uma certa fisionomia de organização, algum esforço de racionalidade, mesmo provisório e localizado, que poderíamos associar aos objetos significantes desfilar pela tela. É o caso em que – como já comentei em outro lugar – o excesso de informação deixa de ser informação para tornar-se ruído, perdendo totalmente qualquer conteúdo informativo. Mas isso não é tudo. Este ruído parece propiciar, inicialmente, uma paradoxal hipertrofia do sujeito, dando-lhe a ilusão (ou é ele próprio quem assim se ilude) de que é ele quem está por trás de toda construção de objetos significantes, que todo percurso de significação se submete ao arbitrário e ao relativo de suas posições e gostos e disposições e gestos. Assim, esse sujeito instala-se num ponto de enunciação falto de sentidos e sem horizonte de significações possíveis, tendo a impressão de que a ele compete ocupar todos esses espaços e ocupar-se de todos esses processos. Não lhe restaria outra posição senão a de instalar-se decididamente na ribalta dos significantes e estabelecer-se, solitariamente, como horizonte de sentidos e de possibilidades de significação. Mas é aí, justamente, que o processo se inverte e essa hipertrofia inicial (e, dizíamos, paradoxal) do sujeito se transforma em atrofia. Ele não percebe que está, na verdade, limitando-se a pontos de vista passivos (e eles se multiplicam, acentuando o esvaziamento de sua subjetividade), diante de uma celeridade de significantes cada vez mais esvaziados. Com o que ele se reduz, afinal de contas, de forma gradual e inapelável, a uma lacuna num espaço então tornado definitivamente lacunar. Há aí como que uma homogeneidade entre o vazio da informação multiplicada à exaustão e às raiais da inutilidade; um sujeito rareificado e que nem mesmo percebe estar sendo excluído da cena dos objetos significantes.

Finalmente, resta discutir o terceiro tipo, essa identidade provisória e não-programática, em que a busca de sentidos e de significações não se dirige nem para uma mistificação do tecnológico (além do eu) nem para um transbordamento vazio de informações (aquém do eu). Essa terceira identidade se fundamenta no que poderíamos descrever como uma costura de identidades (assim mesmo, no plural!) e de significantes, em que internos e externos se conjugam, se

entrelaçam, resultando num gesto expressivo que parece lembrar o que Merleau-Ponty chama de quiasma ou reversibilidade¹. Em certo sentido, o que se propõe aí é como que a busca de um apoio ou de complementaridade no outro, no que é provisoriamente diverso, oposto, ou externo. É, por exemplo, descobrir um outro lado no espaço e nos objetos da tecnologia, rastreando neles a sedimentação do toque humano que revela o horizonte cultural de qualquer instrumento, por mais eficiente que ele pretenda ser; de qualquer processo, por mais poderoso que ele pareça. Na verdade, é justamente esse fundo de cultura que pode revelar o horizonte de sentidos e de significados possíveis de qualquer instrumento ou processo. Com o que podemos mostrar, com toda a evidência, que a finalidade do espaço tecnológico não está nele mesmo (como pareceria mostrar a primeira identidade falha que aqui se discutiu) e nem num *locus* esvaziado de sentidos e de subjetividades (para onde apontaria a segunda tentativa de identidade), mas na maneira como acomodamos ou alteramos seu significado e seus significantes em direção ao sentido que queremos e podemos dar a ele. De fato, não há nenhum sentido do tecnológico que se esgote nele mesmo, em sua própria instância. É o sujeito que lhe dá o toque final e o sentido sempre provisoriamente definitivo. Do mesmo modo, é somente o olhar externo à gravura (portanto, não reduzido às limitações e aos limites da perspectiva do anjo) que é capaz de perceber algum sentido que vá além da melancolia daquele anjo perdido em meio à multiplicidade do mundo e das coisas, e à ausência dele próprio. Daí esse percurso de reconhecimento de si, que passa pela busca de uma interioridade do tecnológico e pela reafirmação de uma exterioridade do eu diante da pluralidade de significantes. Há aí, implícito, um projeto de sentido e de significações que não se reduz a uma mera reafirmação da imagem mística do tecnológico. No caso, trata-se da busca de uma interioridade do tecnológico, da busca de teias e tramas de sentido que escapem à exterioridade absoluta, à platitude constante, e que teçam, nesse tecnológico, significações além daquelas que vêm da perspectiva (neo)positivista. E esse projeto de sentido e de significações também não poderia se reduzir à euforia cegante e quase irreversível da hiperinflação informativa (cujo correlato é o esvaziamento eufórico do espaço da subjetividade). É através dele que podemos escapar das duas formas melancólicas de subjetivação, construindo uma identidade que se dê como percurso de si próprio, que se faça à custa e a despeito dos aparatos, dos aparelhos e dos processos (e, também, claro!, por sobre eles todos). Uma das melhores imagens que conheço, para dar conta disso, é a do personagem de uma charge que, em um monociclo, sobre a corda bamba, vai desenhando a lápis, logo à frente, a continuação da linha onde se equilibra, precária e provisoriamente. O centro de significações (ou a direção coerente tomada pelo

artista mambembe e cartunista) está justamente depositado nesse esforço de traçar uma linha que ainda não chegou a ponto algum, mas que não deixa de se apoiar numa exterioridade projetada solidariamente pelo corpo e pelo gesto do equilibrista.

Uma consequência do que discutimos nos parágrafos anteriores refere-se ao tipo de leitura que se pode propor no/do hipertexto, uma leitura que se coloca também como gesto e, conseqüentemente, como expressão, empreendida a partir da posição singular de um sujeito movente, de posições provisórias – efêmeras, talvez –, mas construindo o possível de um percurso por entre fragmentos e multiplicidades várias. E, no caso, voltamos ao início deste texto, quando falávamos do papel das teorias do texto literário na compreensão do ciberespaço. É que, se há texto, se há leitura desse texto, se há uma posição focal que cria (sempre) regiões de clareza provisória e sombras passageiras neste espaço de telemática opacidade, é possível a esse sujeito leitor propor um percurso de leitura como marcas e bases de sua identidade, como testemunhos de sua subjetividade. E tal leitura guarda uma especificidade, essa de fundar e traçar significações, instalando-se, tal qual o equilibrista descrito acima, na solidez precária de uma linha que se apóia no quase nada para apontar, a partir daí, para o muito, para a pluralidade das coisas e dos objetos significantes. O que procuro aqui, na verdade, é levar adiante uma intuição, a de tomar a leitura do/no ciberespaço como uma espécie de performance que realizamos às expensas de nossas limitações e das condições de contorno da tela do computador. Trata-se, aparentemente, de um ato de criação e de tomada de posição diante de uma cena gerada a partir do exterior de imagens, ícones, movimentos e processos interativos, deslocamentos e cortes, acréscimos e multiplicações, mas permitindo que nossa interioridade venha habitá-los todos com a compulsão dos significados e a contenção dos sentidos. Dizer que essa leitura é uma performance implica dizer, também, que nos colocamos aí como hiperleitores, isto é, como ativos organizadores do hipertexto; mas organizadores que se colocam bem em meio aos objetos significantes, de forma que o processo de significação desses objetos acompanhe e circunde nosso próprio processo de subjetivação, em que nos explicitamos como leitores (de significantes, do ciberespaço onde estes se desvelam, e de nós mesmos). Em suma, apresentamo-nos como atores de uma espetacularidade, mas que sabem também postar-se do outro lado da cena, no aquém do palco (da tela) e no além de nossos próprios movimentos e tomadas de decisão, tecendo aí uma identidade que nos coloca como subjetividade encenada e dada à leitura de outros. Em suma, essa identidade telematicamente colocada, construída e, sobretudo, encenada, exhibe-se como encenação

e como fingimento. E, nessa via transversa, ela busca dar voz e vez a um verdadeiro dizer do real, através desse fingimento que pode se exibir como máscara reveladora (e que é sempre uma possibilidade que compete a cada um de nós efetivar ou não, sendo-nos dada a escolha do melancólico ou do sábio). Trata-se de capturar, na provisoriedade e na dramatização de falas, gestos, movimentos, comandos, aparências, rastros e restos de ícones e de endereços, na tecedura movente e mole de significantes, uma fisionomia de efêmera permanência; ou, também, de propor uma possibilidade de espacializar reflexos e percursos em cima dos quais balizamos nossa visão de nós mesmos e desse texto-mundo tecido em raias intermináveis e circunferências de raio infinito. Essa leitura de nós, de nossa inserção no ciberespaço (que é também leitura do próprio ciberespaço) pode ser, assim, descrita como uma provisória mentira, uma encenação que permite expor honesta e abertamente entranhas e hesitações de (ciber)espaços, de leitores e de leituras. É claro que há aí um paradoxo lógico em que a sinceridade consiste em dizer que se está mentindo. Todavia, tal situação de “incômodo lógico” está presente em qualquer forma de literatura, ou, para ser mais geral, em qualquer arte, em toda época. E não é por causa da intensa tecnologização do ciberespaço que vamos escapar a esse gênero de contradição, que é base de qualquer experiência artística que se possa imaginar. Tanto quanto a voz poética da “Autopsicografia”, de Pessoa, o hiperleitor finge que não sente o que, na verdade, está sentindo, e os que lêem sua leitura vão sentir, ainda, outra coisa que nada tem a ver com o que esse hiperleitor chegou, primeiramente, a sentir e, depois, a encenar.

Em outras palavras, o leitor do hipertexto assume a função de produtor ou organizador de uma “especularidade”, de uma encenação, de uma topologização de significantes e de significações de que ele não pode deixar de participar. De fato, não podemos ficar presos a uma mera “especularidade” do hipertexto hiperinflacionado, nos colocando irremediavelmente presos a reflexos sem reflexões e que resultam de uma algaravia de restos de idéias, de fragmentos de princípios, de vestígios de saber. Também não podemos propor apenas um espetáculo que se contente em celebrar nossa ausência de nós próprios, o que seria o resultado melancólico dos simulacros e das mistificações tecnologizantes.

De outro lado, é preciso levar ainda em conta a presença de uma platéia, de companheiros de rota e de significações (de resto, nenhuma linguagem, por mais fundada em elementos estritamente tecnológicos, pode existir nessa armação intersubjetiva que sustenta e permite todo ato expressivo). Essa platéia (de que fazemos parte, mesmo nos colocando à parte para poder falar dela), ainda que virtual, não deixa de traçar vestígios, de possibilitar ornamentos e filigranas de significações ao (hiper)texto construído por nós, leitores de nós de conexões, leitores de nós próprios, leitores do hipertexto e de outros leitores. E essa platéia se faz presente e atuante, não na indiferença das posições distantes e distintas do palco, mas colocando-se em cena, bem ao lado dos percursos que assumimos e esboçamos; trazendo, aliás, para a cena, a posição e a cumplicidade de compartilhar um gesto expressivo comum. Em resumo, esse esboço de leitor do ciberespaço mostra-nos como atores/organizadores que lêem, representam, atormentam, desfocam, deformam e tocam adiante um texto que, vindo de outros leitores e *loci*, recebe inflexões e significações de que talvez nem suspeitaríamos. Construímos aí um texto tramado e tecido em um espaço coletivo; um texto dado, pela voz singular do ator/organizador, à multidão

que aplaude, váia, contesta, aceita, recolhe, mas participa, sempre, evidentemente, dessa construção coletiva de significações e de textos. Aí, então, a navegação pelo ciberespaço, vista como dramatização ou espetacularização, de nós próprios, do hipertexto e de outros leitores/atores, poderá mostrar um caminho efetivo em que, definitivamente, não precisaremos mais nos curvar a essa melancolia de significações excessivas ou de mistificações tecnológicas. Quem viver (e ler), verá (lerá).

Nota

¹ É importante ressaltar que, se essa reversibilidade é essencial à linguagem ou à experiência do estar-no-mundo do sujeito, jamais poderia caracterizar a essência do ciberespaço, pois este aponta para uma instância derivada justamente daquelas duas experiências primeiras e primordiais. Se pode ser associada alguma forma de reversibilidade ao ciberespaço, ela é como que outorgada pela linguagem e pelo estar-no-mundo com que o sujeito reveste o ciberespaço (e não o contrário).

*Alckmar Luiz dos Santos é autor dos livros de poemas *Retrato e percurso* (1997) e *Meu tipo inesquecível* (1998), e do romance *São Lourenço* (2001), além de vários ensaios e capítulos de livros sobre literatura e filosofia. É coordenador do Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística, da Universidade Federal de Santa Catarina. Com o artista plástico Gilberto Prado ganhou uma menção honrosa no Festival de Poesia Visual Joan Brossa, na Espanha, em 2000.